

# O ENSINO DE IDIOMAS COMO PREMISA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA A UEMG

Delzi Alves Laranjeira

## Resumo

Sob qualquer enfoque que se considere a internacionalização do ensino superior, a questão da proficiência em línguas emerge como fator fundamental para a sua implementação. Uma concepção abrangente de internacionalização contempla o ensino de idiomas para além de uma visão utilitária da língua como “ferramenta” ou “habilidade” para fins de comunicação, os idiomas também possibilitam mediações interculturais que podem ampliar visões de mundo, promover o pensamento crítico e desafiar estereótipos. A política de línguas almejada pela UEMG, em sintonia com os princípios, objetivos e estratégias estabelecidos para o seu Plano de Internacionalização, endossa e procura implantar essa perspectiva para todos os envolvidos nesse processo.

**Palavras-chave:** Ensino de idiomas. Internacionalização. Política de línguas.

## Abstract

Whatever the focus used to examine the internationalization of higher education, language proficiency is a key factor for its implementation. A comprehensive internationalization perspective sees language teaching and learning far beyond a matter of acquiring practical skills for an effective communication, language also allows intercultural mediations that can broaden world views, promote critical thinking and challenge stereotypes. The language program aimed by UEMG, aligned with principles, goals and strategies established for its Internationalization Plan, supports and seeks to implement this perspective among all the stakeholders involved in the process.

**Keywords:** Language teaching. Internationalization. Language Program

A língua, “seja vista como discurso, construção social, commodity ou sistema semiótico, possui um papel crítico nos processos de globalização e internacionalização da educação” (CLARK; HAQUE; LAMOUREX, 2012, p. 2, tradução nossa).<sup>27</sup> Tal afirmação reforça a necessidade do debate sobre esse papel e como a UEMG pode integrá-lo à sua política de internacionalização. A criação do Grupo de Trabalho “Ensino de idiomas como premissa para a internacionalização” procurou situar e discutir, durante a realização do I Fórum de Internacionalização da UEMG, as questões envolvendo a importância dessa temática e também propor objetivos e estratégias para a implementação de uma política de ensino de idiomas que seja alinhada aos princípios e objetivos que pautam o Plano de Internacionalização construído pela Universidade.

Os rankings universitários, na visão de Piller (2013) baseiam-se, comumente, na avaliação de quatro grandes áreas: pesquisa e publicações, ambiente de aprendizagem, reputação dos egressos e internacionalização. Dentre esses parâmetros, somente um, “ambiente de aprendizagem” não depende da língua, uma vez que examina e qualifica “itens como infraestrutura e proporção aluno/professor” (PILLER, 2013, p. 1). As demais áreas são consideradas por Piller como “dependentes da linguagem” e explicitam o protagonismo e a importância das políticas de ensino e aprendizagem de línguas no cenário da educação de nível superior. O ensino de idiomas na área da internacionalização é parte integrante de áreas como a da mobilidade, seja ela estudantil, acadêmica ou de servidores técnicos-administrativos, da internacionalização do currículo e da internacionalização em casa, por meio da oferta de disciplinas do currículo em outras línguas além da materna, por exemplo.

O estudo de línguas “nos encoraja a desconstruir o universo linguístico que conhecemos, a tolerar a ambiguidade e a admitir ‘alteridade’ cultural”<sup>28</sup>, (JONES, 2012, n. p., tradução nossa). Tal perspectiva compreende o ensino de línguas como muito além da aquisição de habilidades para uma comunicação

---

27. No original: “whether seen as a discourse, social construction, commodity, or semiotic system, plays a critical role in processes of globalizing and internationalizing education”.

28. No original: “encourages us to deconstruct the linguistic world as we know it, to tolerate ambiguity, and to embrace cultural ‘otherness.’”

“efetiva” com o outro. Ser proficiente em uma língua, materna ou estrangeira, não significa condição suficiente para desenvolver competência intercultural – definida como a capacidade de compreender e interagir apropriadamente com as diferenças culturais em face das próprias percepções, valores e práticas (HAMMER, 2015, p. 483) – daí a necessidade de se considerar o ensino de línguas como mais do que uma instrumentalização para fins comunicativos, inserindo nesse aprendizado a questão de como operam os discursos nos diferentes universos culturais e como os sentidos são negociados nas interações que ocorrem. Para Warner,

[o] resultado almejado para o aprendizado da cultura não é o conhecimento cultural para fins de compreensão, mas uma maior reflexão crítica sobre as próprias categorias pelas quais definimos cultura. Em outras palavras, nós não devemos apenas ensinar sobre as culturas alemã, chinesa ou italiana, mas também encorajar os alunos a questionar o que queremos dizer quando falamos ou tentamos representar uma cultura em particular, e o que obliteramos quando mesclamos nação, cultura e linguagem (WARNER, 2011, p. 13, tradução nossa).<sup>29</sup>

Ao enfatizar a promoção de uma dimensão intercultural como um princípio para a sua política de internacionalização, a UEMG corrobora uma visão mais abrangente do ensino de idiomas, a qual problematiza a complexidade de lidar com as diferenças linguísticas e culturais e como aprender com tais experiências.

No bojo dessa perspectiva, o ensino de idiomas e culturas é de fundamental importância para a implementação do Plano Institucional de Internacionalização almejado pela UEMG. Dentre as diversas metas apontadas pelo plano está prevista a elaboração e gestão de uma política institucional de ensino de idiomas. A proposta debatida pelo Grupo de Trabalho procura considerar uma política institucional que esteja inserida no arcabouço

29. No original: “The intended outcome of culture learning is not then cultural knowledge for the purpose of understanding, but heightened critical reflection on the very categories through which we define culture. In other words, we ought to not only teach about German or Chinese or Italian culture, but also encourage students to question what we mean when we speak of or attempt to represent a particular culture, and what we obscure when we conflate nation, culture, and language”.

que contempla a missão, os princípios e os objetivos almejados para a internacionalização da Universidade. Seus principais pontos, em linhas gerais, encontram-se delineados a seguir.

## **1 Objetivos, estratégias e ações**

O objetivo geral quanto ao ensino e treinamento de idiomas é oferecer à comunidade acadêmica da UEMG capacitação eficiente em idiomas estrangeiros e Português como língua estrangeira ou de acolhimento (PLE/PLA), a fim de qualificá-la para a participação nos diversos processos pertinentes à internacionalização da instituição e para a promoção de ações interculturais e de integração regional, nacional e internacional.

Os objetivos específicos contemplam uma série de estratégias que visam nortear ações para a efetiva implantação de uma política de idiomas na instituição. São elas:

- a) Mapear as necessidades de aquisição e usos de idiomas estrangeiros dos participantes dos programas de pós-graduação da instituição.

Esse mapeamento prevê a elaboração e aplicação de questionário para levantamento das necessidades dos programas, identificação e interpretação dos dados apurados e reuniões com os coordenadores dos programas para definição do plano e de sua implantação.

- b) Buscar e efetivar parcerias que incrementem a oferta e a qualidade dos cursos oferecidos.

Essa estratégia visa estabelecer parcerias com instituições que já tenham suas políticas de treinamento de línguas estabelecidas, como a UFMG e a PUC-Minas, dentre outras, as quais possam, em um primeiro momento, suprir demandas urgentes da UEMG em relação à capacitação de seu público acadêmico e técnico-administrativo.

- c) Buscar o credenciamento junto ao programa Idiomas Sem Fronteiras e engajar-se em outras iniciativas de capacitação em idiomas.

O programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) é de iniciativa governamental, promovido pelo Ministério da Educação e CAPES e articula ações para a implementação de uma política de línguas em prol da internacionalização do ensino superior. O programa capacita professores, oferece testes de nivelamento e cursos online, além de outras intervenções. Para participar do programa, a IES deve ser credenciada, por meio de submissão aos editais publicados. Uma das ações necessárias para esse credenciamento é a elaboração de um Plano de Línguas, que a UEMG pretende submeter ao próximo edital. Outras iniciativas de capacitação, como parcerias com institutos estrangeiros de ensino de línguas, também serão consideradas e avaliadas.

d) Implementar a oferta dos cursos de línguas para a comunidade acadêmica

Pelo fato dos cursos de Letras da UEMG oferecerem as habilitações em língua portuguesa e língua inglesa, os cursos oferecidos seriam, inicialmente, de inglês acadêmico, definidos de acordo com as demandas específicas identificadas por meio do mapeamento das necessidades. Para a oferta de outras línguas, propõe-se firmar parcerias com outras instituições que possam oferecer essa capacitação para o público de interesse. As Unidades que possuem cursos de Letras – Ibirité, Divinópolis, Carangola e Passos – podem ser definidas como Unidades Polo, com o papel de planejar, implantar e gerir a oferta dos cursos de língua estrangeira, além de serem responsáveis pela definição de metodologias de ensino, avaliação e gestão, desenvolvimento de programas de curso, seleção e preparação de materiais a serem utilizados. Essas Unidades também se incumbirão da seleção de alunos dos cursos de Letras que possuem dupla habilitação para atuarem como professores bolsistas no programa de inglês com foco acadêmico. Os selecionados irão participar de cursos de capacitação com professores das unidades antes e durante suas atividades. A oferta de cursos de português como língua estrangeira (PLE) ou como língua de acolhimento (PLA) também é necessária para contemplar a

demanda gerada pelo recebimento de alunos estrangeiros vinculados aos cursos de graduação e pós-graduação da UEMG. Prevê-se a capacitação de docentes para operar a oferta de PLE/PLA e de alunos de Letras interessados em atuar como bolsistas. É essencial destacar a contribuição das ferramentas tecnológicas de EAD nesse processo, uma vez que possibilitam a oferta de cursos específicos para públicos variados, de acordo com as demandas. Em uma instituição multicampi, como a UEMG, a capilaridade proporcionada pela EAD precisa e deve ser explorada para a disseminação do ensino de idiomas e culturas.

À medida que essas ações forem planejadas, executadas e consolidadas, o objetivo final visa ampliar o acesso à capacitação em idiomas estrangeiros para toda a comunidade acadêmica: alunos e professores da graduação e servidores técnicos- administrativos. Essa meta implica na verificação dos níveis de proficiência e elaboração de programas de capacitação específicos para os objetivos do público interessado.

e) Oferecer disciplinas de graduação e pós-graduação em língua estrangeira

Essa ação faz parte da estratégia de Internacionalização em Casa e prevê a capacitação dos docentes interessados em ofertar disciplinas em outras línguas por meio do estudo de línguas estrangeiras como mediadoras de ensino.

f) Inserção de outras línguas estrangeiras de acordo com as demandas e capacitação de professores da universidade nessas línguas.

Apesar da hegemonia da língua inglesa como a língua franca da internacionalização, o ensino de outras línguas e culturas apresenta-se como uma necessidade de demandas específicas e também como uma forma de ampliar o conhecimento sobre outras culturas e visões de mundo e de como interagir com elas em um contexto de tolerância e respeito às diversidades. Uma consequência a ser considerada a partir da inserção de outras línguas no Plano de Línguas da UEMG seria a ampliação da oferta de habilitações dos cursos de Letras

nas línguas de interesse. Essa é, obviamente, uma ação que requer cuidadoso estudo e planejamento, mas que sinaliza o impacto das ações em prol da internacionalização para a realidade acadêmica da UEMG.

## 2 Considerações finais

Qualquer projeto de internacionalização de uma instituição de ensino superior aborda, sob alguma perspectiva, uma política de línguas, estabelecida por meio de um plano de objetivos e estratégias. Esse plano deve refletir a visão que permeia as ações a serem realizadas no sentido de oferecer à comunidade acadêmica oportunidades de aprendizagem de línguas e culturas. Nesse sentido, é importante enfatizar a necessidade de considerar esse aprendizado não somente como uma questão de domínio de competências linguísticas, mas também como forma de apreender como operam os discursos que circulam nos mais variados meios culturais, de modo a possibilitar uma melhor compreensão e negociação de sentidos em contextos sociais diversos e heterogêneos. A noção de internacionalização abrangente, adotada pela UEMG, destaca o compromisso de integrar “perspectivas internacionais e comparativas aos pilares de ensino, pesquisa e extensão do ensino superior” (HUDZIK, 2014, p. 7, tradução nossa).<sup>30</sup> Essas perspectivas abarcam, dentre outras, uma dimensão social e cultural que é permeada pela multiplicidade de discursos e que contempla instâncias relacionadas à diversidade cultural, à cidadania, ao desenvolvimento social e às interações interculturais (HUDZIK, 2014, p. 54). O Plano de Línguas proposto para a UEMG é ciente dessa dimensão e objetiva internalizá-la em seus métodos, atitudes e práticas, em prol da expansão de oportunidades de conhecimentos linguísticos e culturais para todos os públicos envolvidos no processo de construção de uma internacionalização abrangente para a instituição.

---

30. No original: “[...] infuse international and comparative perspectives throughout the teaching, research and service missions of higher education”.

## REFERÊNCIAS

CLARK, J. B.; HAQUE, E.; LAMOUREUX, S. A. The role of language in processes of internationalization: considering linguistic heterogeneity and voices from within and out in two diverse contexts in Ontario. *Canadian and International Education / Education Canadienne et Internationale*, v. 41, n. 3, article 5, 2012. Disponível em: <<http://ir.lib.uwo.ca/cie-eci/vol41/iss3/5>>. Acesso em: 14 out. 2017.

HAMMER, M. R. Intercultural competence development. In: BENNET, J. M. (Ed.). *The SAGE Encyclopedia of Intercultural Competence*. Los Angeles: SAGE Publications, Inc, 2015. p. 483-486.

HUDZIK, J. K. *Comprehensive internationalization: institutional pathways to success*. (Internationalization in Higher Education Series). New York: Routledge, 2014.

JONES, E. In praise of languages for internationalization. *WorldWise Blogs*. The Chronicle of Higher Education, Feb. 9, 2012. Disponível em: <<http://www.chronicle.com/blogs/worldwise/in-praise-of-languages-for-internationalization/29132>>. Acesso em: 29 set. 2017.

PILLER, I. Internationalization and englishization in higher education. *Language on the move*, May 9, 2013. Disponível em: <<http://www.languageonthemove.com/internationalization-and-englishization-in-higher-education/>>. Acesso em: 16 out. 2017.

WARNER, C. Rethinking the role of language study in internationalizing higher education. *L2 Journal*, v. 3, p. 1-21, 2011. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/7188g4z0>>. Acesso em: 15 dez. 2017.